

CAPÍTULO 9

ABORDAGENS ESTRATÉGICAS PARA O MANEJO DE EQUIPES HOSPITALARES NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Larissa Roncato Ismael

Graduanda em Psicologia – UNIRP

Maria Eduarda Scarelli

Graduanda em Psicologia – UNIRP

Tiago Moreno Lopes Roberto

Graduado em Psicologia e Pedagogia; Mestre em Psicologia da Saúde, Especialista em Saúde Mental, Especialista em Análise do Comportamento Aplicada (ABA), Doutorando em Ciências da Saúde (FAMERP), Gestor de Políticas Acadêmicas da Faculdade FUTURA, Docente no Curso de Psicologia e Odontologia (UNIRP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5689-7468>

Visando ampliar a visão do papel da equipe multidisciplinar, com relação ao acolhimento e atendimento humanizado com pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), devido à falta de preparo específico para com essas crianças. Destaca-se a importância do psicólogo no ambiente hospitalar, instruindo outros profissionais, para a promoção da humanização e integralidade nas ações de saúde, proporcionando uma escuta qualificada e compreendendo a dinâmica dos sistemas nos quais o paciente está inserido.

A Psicologia Hospitalar, vista como uma área da Psicologia da Saúde, compreende um conjunto de intervenções realizadas por psicólogos para atenuar o sofrimento associado a hospitalização. Portanto a psicologia desempenha um papel essencial, promovendo a humanização e integralidade nas ações de saúde (Moré, Crepaldi, Gonçalves & Menezes, 2009).

O princípio que orienta o trabalho do psicólogo em um hospital geral, apresenta uma visão diferente do indivíduo, não como algo fragmentado, mas como um ser completo, considerando os aspectos biopsicossocioespíritual, com direito inalienável à dignidade e ao respeito. (Fongaro e Sebastiani, 1996).

Essa abordagem se baseou nas necessidades da realidade, contemplando a integralidade e a intersubjetividade dos pacientes, com o objetivo de atender suas demandas e aprimorar a atuação profissional. A comunicação é um dos objetos mais importantes para os enfermeiros, quando falamos de crianças, precisamos ter várias estratégias para elas entenderem o que está sendo feito.

Agora quando o assunto é TEA (Transtorno do Espectro Autista) é ainda mais desafiador, pois na maioria das vezes o nível de entendimento é menor, assim como, mudanças no padrão de comportamento e prejuízo na aprendizagem estão presentes na maioria das crianças Autistas. Os profissionais da Enfermagem não possuem muito conhecimento sobre Autismo infantil, pois não é um tema abordado na graduação. Mudanças de rotina e excesso de estímulos podem agravar estresse e comportamentos desafiadores do TEA, os profissionais e hospitais não estão devidamente preparados para esse manejo.

Com pretensão de mostrar aspectos da trajetória de profissionais da saúde, em instituições hospitalares, o preparo e manejo de enfermeiros para um atendimento empático humanizado com pacientes Autistas.

O estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica integrativa, com base em artigos selecionados com dados científicos. Discutindo a relação da formação da equipe multidisciplinar, com o objetivo de atender as necessidades dos pacientes de forma abrangente e garantir o seu bem-estar. A coleta de dados foi realizada em bases de dados eletrônicas, como SciELO, PePSIC e Revistas da Saúde, permitindo o acesso a materiais de qualidade e atualizados, que oferecem subsídios para uma discussão aprofundada e reflexiva acerca do objeto de estudo.

Segundo Guedes (2003), os profissionais de saúde, em algumas situações, podem se mostrar distantes do paciente. A escuta médica, por exemplo, pode focar apenas nos aspectos técnicos da doença, ignorando o lado humano do paciente. Essa postura de rejeição pode afetar negativamente a recuperação do enfermo. Assim, as atitudes, conscientes ou não, da equipe de saúde podem impactar o processo de cura, podendo ser tanto benéficas quanto prejudiciais ao paciente.

Em uma das pesquisas, as intervenções focadas no acolhimento permitiram identificar as demandas do psicólogo e a relevância da criação de um protocolo para registrar e sistematizar as informações coletadas nos atendimentos, tendo uma visão completa do indivíduo, não fragmentada. O TEA tornou-se um problema de saúde pública, com forte impacto social, econômico e familiar. Por estar em constante evolução, com pesquisas e novas abordagens surgindo. Um dos maiores desafios é melhorar a dificuldade de interação social do paciente com TEA, para garantir melhor cuidado com embasamentos científicos atualizados.

No artigo foi observado através da pesquisa com crianças sem o Transtorno do Espectro Autista que relataram uma grande insatisfação em diálogos com elas dentro de hospitais. Sabe-se a importância de recursos lúdicos durante a hospitalização fazendo com que ela entenda o que está sendo realizado. Se crianças sem o Espectro já sente essa ausência, imagine com uma criança Autista.

Os enfermeiros precisam ter cuidados também com a organização, um ambiente físico apropriado, quadro de rotina para a compreensão da criança. Um estudo americano relatou que para um preparo cirúrgico do TEA com

intervenção dos enfermeiros precisa ter um relacionamento bom com a família e estabelecer uma boa comunicação, desenvolvendo um cuidado individualizado. É interessante citar que um dos participantes da pesquisa realizada recorreu ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) como um posto de assistência ao seu paciente com TEA, para buscar apoio com outros profissionais e promover como ter uma consulta adequada para a criança.

Porém, nem sempre esses canais estão claros para os profissionais utilizarem como apoio. No Brasil temos redes de apoio como Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSIJ), Atenção Psicossocial (RAPS) e Ações de acolhimento no sistema de saúde. Em vista dos fatos supracitados, a preparação de uma equipe multidisciplinar para atender pacientes autistas é fundamental, envolvendo profissionais de diferentes áreas trabalhando de maneira integrada para oferecer um atendimento mais completo e eficaz. Tendo em mente que cada pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é única, apresentando diferentes níveis de habilidades, dificuldades e necessidades. Hoje está sendo muito citada a musicoterapia, pois é um reforço para funções mentais e físicas para aumentar a socialização.

Outras pequenas coisas que ajudam é tentar evitar muitas pessoas na sala, apagar a luz da sala para reduzir os estímulos e tentar diminuir o estresse da criança. Uma equipe multidisciplinar bem treinada, permite um planejamento individualizado que considera todos os aspectos da saúde e bem-estar do paciente, compreendendo melhor as particularidades da comunicação e interação social, facilitando um ambiente mais acolhedor, não somente para os pacientes autistas, mas também para as famílias. A equipe conta com o auxílio da família, por não terem um vínculo com a criança, para proporcionar conforto e confiança.

Portanto, a preparação da equipe multidisciplinar é essencial para oferecer um atendimento integral e humanizado, que respeite as particularidades de cada paciente autista e proporcione suporte adequado ao seu desenvolvimento e à qualidade de vida. Embora seja um desafio, estabelecer espaços para escuta e troca de conhecimentos entre diferentes áreas é um caminho viável e imprescindível.

PALAVRAS-CHAVE: Atendimento Humanizado, Falta de Preparo, Escuta Qualificada, Integralidade.

REFERÊNCIAS

FOSSI, Luciana Barcellos; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 29–43, 2004. DOI: 10.57167/Rev-SBPH.7.4. Disponível em:

<https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/4>. Acesso em: 25 set. 2024.

JERÔNIMO, Tatiane Garcia Zuchi, MAZZAIA, Maria Cristina; VIANA, Joseval Martins. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. eAPE030832, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/3KwWvQnjR76F3Ddwm53BVRm/#>. Acesso em: 25 set. 2024.

NASCIMENTO, I. B. DO.; BITENCOURT, C. R.; FLEIG, R. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 2, p. 179–187, mar. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/DQNzt7JYrHxTkrV7kqkFXyS/#>. Acesso em: 25 set. 2024.

Oliveira ACA, Morais RCM, Franzoi MAH. Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos. **Rev baiana enferm.** 2019;33:e28300. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/download/28300/20007>. Acesso em: 25 set. 2024

SOUZA, Adriano; BECKER, Ana Paula Sesti; GUISSO, Luciane; BOBATO, Sueli Terezinha. Atenção psicológica ao paciente cirúrgico: relato de experiência sob a ótica de humanização da saúde Boletim - **Academia Paulista de Psicologia**. vol.41 no.100 São Paulo jan./jun. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2021000100008. Acesso em: 25 set. 2024.